

VINICIUS DE MORAES

NOVOS POEMAS

(II)

56)

LIVRARIA SÃO JOSÉ

ALGUNS LIVROS DE POESIA

- POESIA AMIGA** — de Gildo Lopes
..... Cr\$ 50,00
- PROJEÇÕES** — de Milton Mendes
..... Cr\$ 50,00
- FANTOCHES** — de Stella Leonardos
..... Cr\$ 50,00
- POEMA DA BUSCA E DO ENCONTRO**
— de Stella Leonardos Cr\$ 50,00
- FRONTEIRAS** — de Jorge da Costa
Neves Cr\$ 50,00
- SÍNTESE** — de Nicanor Azevedo Cr\$ 50,00
- TEMPO E ESPUMA** — de Santos Mo-
raes Cr\$ 50,00
- JESUS, MAGDALENA E JUDAS** — de
Benedito Lopes Cr\$ 50,00
- CANTO DE AMOR** — De Benedito Lo-
pes Cr\$ 50,00
- CERCO DA PRIMAVERA** — de Marly
de Oliveira Cr\$ 60,00
- PASTORA DA NOITE** — de Yone Rodri-
gues Cr\$ 50,00
- PEDAÇO DE MADRUGADA** — de Stella
Leonardos Cr\$ 50,00
- OS SONETOS DE ARVERS** — de Mello
Nóbrega. Tôda a história do famoso
soneto. Vcl. de 270 págs. .. Cr\$ 150,00
- OS SONETOS DO SONETO** — de Mello
Nóbrega. Vol. de 100 págs. Cr\$ 60,00
- A ARTE DO POETA** — de Murillo de
Araújo. Moderníssimo tratado de versi-
ficação. Volume de 100 págs. Cr\$ 50,00



LIVRARIA SÃO JOSÉ
RIO DE JANEIRO

NOVOS POEMAS

(II)

(1949-1956)



OBRAS DO MESMO AUTOR

POESIA

- O Caminho para a Distância, 1933, Schmidt Ed., Rio (edição recolhida pelo autor)
- Forma e Exegese, 1935, Irmãos Pongetti, Rio (Prêmio Felipe d'Oliveira)
- Ariana, a Mulher, 1936, Irmãos Pongetti, Rio
- Novos Poemas, 1938, José Olympio, Rio
- Cinco Elegias, 1943, Irmãos Pongetti, Rio (edição mandada fazer por Manuel Bandeira, Anibal Machado e Octavio de Faria)
- Poemas, Sonetos e Baladas, 1948, Ed. Gaveta, S. Paulo (com ilustrações de Carlos Leão)
- Pátria Minha, 1949, O Livro Inconsútil, Barcelona (edição manual de João Cabral de Mello Neto)
- Cinq Elegies, 1953, ed. Pierre Seghers, (coleção "Autour du Monde") tradução de Jean-Georges Rueff, Paris
- Antologia Poética, 1954, ed. A Noite, Rio
- Orfeu da Conceição, Tragédia Carioca, 1956, ed. do autor, executada e ilustrada por Carlos Scliar
- Livro de Sonetos, 1957, Livros de Portugal, Rio

A APARECER (POESIA)

- Cordélia e o Peregrino
- Roteiro Lírico e Sentimental da Cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu, vive em trânsito e morre de amor o poeta Vinicius de Moraes
- O Grande Desastre do Six-Motor "Leonel de Marmier, tal como foi visto e vivido pelo poeta Vinicius de Moraes, passageiro a bordo
- O Final dos Tempos (poemas inéditos)
- Bichos, Coisas e Gentes (poemas para crianças)
- Cancioneiro do Samba Carioca (em colaboração com Lucio Rangel)
- Obras Completas, ed. da Biblioteca Luso-Brasileira
- Poemas Elejidos, ed. do Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro em tradução de Cipriano Vitureira

(PROSA)

- Uma Rosa nas Trevas (teatro)
- O Boeiro (novela)
- O Preto no Branco (artigos e crônicas de cinema)
- 50 Crônicas Seleccionadas
- O General Saiu pela Janela (novela)
- O Jazz: sua crônica (ensaio)

VINICIUS DE MORAES

NOVOS POEMAS

(II)

(1949 - 1956)

1959

LIVRARIA SÃO JOSÉ

RUA SÃO JOSÉ, 38 — RIO DE JANEIRO

A HORA ÍNTIMA

Quem pagará o entêrro e as flôres
Se eu me morrer de amôres?
Quem, dentre amigos, tão amigo
Para estar no caixão comigo?
Quem, em meio ao funeral
Dirá de mim: — nunca fêz mal...
Quem, bêbado, chorará em voz alta
De não me ter trazido nada?
Quem virá despetalar pétalas
No meu túmulo de poeta?
Quem jogará timidamente
Na terra um grão de semente?
Quem elevará o olhar covarde
Até a estrêla da tarde?
Quem me dirá palavras mágicas,
Capaz de empalidecer o mármore?
Quem, oculta em véus escuros,
Se crucificará nos muros?
Quem, macerada de desgosto,
Sorrirá: — rei morto, rei pôsto...
Quantas, debruçadas sôbre o báratro
Sentirão as dores do parto?
Qual a que, branca de receio,
Tocará o botão do seio?

Quem, louca, se jogará de bruços
A soluçar tantos soluços
Que há de despertar receios?
Quantos, os maxilares contraídos,
O sangue a pulsar nas cicatrizes,
Dirão: — foi um doido amigo...
Quem, criança olhando a terra,
Ao ver movimentar-se um verme
Observará um ar de critério?
Quem, em circunstância oficial,
Há de propor meu pedestal?
Quais os que, vindos da montanha,
Terão circunspeção tamanha
Que eu hei de rir branco de cal?
Qual a que, o rosto sulcado de vento,
Lançará um punhado de sal
Na minha cova de cimento?
Quem cantará canções de amigo
No dia do meu funeral?
Qual a que não estará presente
Por motivo circunstancial?
Quem cravará no seio duro
Uma lâmina enferrujada?
Quem, em seu verbo inconsútil,
Há de orar: — Deus o tenha em sua guarda.
Qual o amigo que a sós consigo
Pensará: — não há de ser nada...
Quem será a estranha figura
A um tronco de árvore encostada
Com um olhar frio e um ar de dúvida?
Quem se abraçará comigo
Que terá de ser arrancada?

Quem vai pagar o entêrro e as flôres
Se eu me morrer de amôres?

MENINO MORTO PELAS LADEIRAS DE
OURO-PRÊTO

Hoje a pátina do tempo cobre também o céu de outono
Para o teu entêrro de anjinho, menino morto,
Menino morto pelas ladeiras de Ouro-Prêto.

Berçam-te o sono essas velhas pedras por onde se
[esforça

Teu caixãozinho trêmulo, aberto em branco e rosa.

Nem rosas para o teu sono, menino morto,

Menino morto pelas ladeiras de Ouro-Prêto.

Nem rosas para colorir teu rosto de cêra,

Tuas mãozinhas em prece, teu cabelo louro cortado
[rente...

Abre bem teus olhos opacos, menino morto,

Menino morto pelas ladeiras de Ouro-Prêto:

Acima de ti o céu é antigo, não te compreende.

Mas logo terás, no Cemitério das Mercês-de-Cima,

Caramujos e gongolos da terra para brincar como
[gostavas

Nos baldios do velho córrego, menino morto,

Menino morto pelas ladeiras de Ouro-Prêto.

Ah, pequenino cadáver a mirar o tempo,

Que doçura a tua; como saístes do meu peito

Para esta negra tarde a chover cinzas...

Que miséria a tua, menino morto;

Que pobrinhos os garotos que te acompanham
Empunhando flôres do mato pelas ladeiras de Ouro-
[Prêto...

Que vazio restou o mundo com a tua ausência...
Que silentes as casas... que desesperado o crepúsculo
A desfolhar as primeiras pétalas de treva...

POEMA DOS OLHOS DA AMADA

Ó minha amada
Que olhos os teus
São cais noturnos
Cheios de adeus
São docas mansas
Trilhando luzes
Que brilham longe
Longe nos breus...

Ó minha amada
Que olhos os teus
Quanto mistério
Nos olhos teus
Quantos saveiros
Quantos navios
Quantos naufrágios
Nos olhos teus...

Ó minha amada
Que olhos os teus
Se Deus houvera
Fizera-os Deus
Pois não os fizera

Quem não soubera
Que há muitas eras
Nos olhos teus.

Ah minha amada
De olhos ateus
Cria a esperança
Nos olhos meus
De verem um dia
O olhar mendigo
Da poesia
Nos olhos teus.

O POETA HART CRANE SUICIDA-SE NO MAR

Quando mergulhaste na água
Não sentiste como é fria,
Como é fria assim na noite
Como é fria, como é fria?
E ao teu mêdo que por certo
Te acordou da nostalgia
(Essa incrível nostalgia
Dos que vivem no deserto...)
Que te disse a Poesia?

Que te disse a Poesia
Quando Vênus que luzia
No céu tão perto (tão longe
Da tua melancolia...)
Brilhou na tua agonia
De moribundo desperto?

Que te disse a Poesia
Sôbre o líquido deserto
Ante o mar boquiaberto
Incerto se te engolia
Ou ao navio a rumo certo
Que na noite se escondia?

Temeste a morte, poeta?
Temeste a escarpa sombria
Que sob a tua agonia
Descia sem rumo certo?
Como sentiste o deserto,
O deserto absoluto
O oceano absoluto
Imenso, sòzinho, aberto?

Que te falou o Universo,
O Infinito a descoberto?
Que te disse o amor incerto
Das ondas na ventania?
Que frouxos de zombaria
Não ouviste, ainda desperto,
Às estrêlas que por certo
Cochichavam luz macia?

Sentiste angústia, poeta,
Ou um espasmo de alegria
Ao sentires que bolia
Um peixe nadando perto?
A tua carne não fremia
À idéia da dança inerte
Que teu corpo dançaria
No pélago submerso?

Dançaste muito, poeta,
Entre os véus da água sombria
Coberto pela redoma
Da grande noite vazia?

Que coisas viste, poeta?
De que segredos soubeste
Suspenso na crista agreste
Do imenso abismo sem meta?

Danças-te muito, poeta?
Que te disse a Poesia?

A BRUSCA POESIA DA MULHER AMADA (II)

A mulher amada carrega o cetro, o seu fastígio
É máximo. A mulher amada é aquela que aponta para
[a noite
E de cujo seio surge a aurora. A mulher amada
É quem traça a curva do horizonte e dá linha ao movi-
[mento dos astros.
Não há solidão sem que sobrevenha a mulher amada
Em seu acúmen. A mulher amada é o padrão índigo
[da cúpola
E o elemento verde antagônico. A mulher amada
É o tempo passado no tempo presente no tempo futuro
No sem tempo. A mulher amada é o navio submerso,
É o tempo submerso, é a montanha imersa em líquen.
É o mar, é o mar, é o mar a mulher amada
E sua ausência. Longe, no fundo plácido da noite
Outra coisa não é senão o seio da mulher amada
Que ilumina a cegueira dos homens. Alta, tranqüila e
[trágica
É essa que eu chamo pelo nome de mulher amada
Nascitura. Nascitura da mulher amada
É a mulher amada. A mulher amada é a mulher
[amada é a mulher amada
É a mulher amada. Quem é que semeia o vento? —
[a mulher amada!

Quem colhe a tempestade? — a mulher amada! Quem
[determina os meridianos? — a mulher
Amada! Quem a misteriosa portadora de si mesma?
A mulher amada! Talvegue, estrêla, petardo,
Nada a não ser a mulher amada necessariamente amada
Quando! E de outro modo não seja, pois é ela
A coluna e o gral, a fé e o símbolo, implícita
Na criação. Por isso, seja ela! A ela o canto e a ofe-
[renda,
O gôzo e o privilégio, a taça erguida e o sangue do
[poeta
Correndo pelas ruas e iluminando as perplexidades.
Eia, a mulher amada! Seja ela o princípio e o fim
[de tôdas as coisas.
Poder geral, completo, absoluto à mulher amada!

COPACABANA

Esta é Copacabana, ampla laguna
Curva e horizonte, arco de amor vibrando
Suas flechas de luz contra o infinito.
Aqui meus olhos desnudaram estrêlas
Aqui meus braços discursaram à lua
Desabrochavam feras dos meus passos
Nas florestas de dor que percorriam.
Copacabana, praia de memórias!
Quantos êxtases, quantas madrugadas
Em teu colo marítimo!

— Esta é a areia

Que eu tanto enlameei com minhas lágrimas
— Aquele é o bar maldito. Podes ver
Naquele escuro ali? É um obelisco
De treva — cone erguido pela noite
Para marcar por tôda a eternidade
O lugar onde o poeta foi perjuro.
Ali tombei, ali beijei-te ansiado
Como se a vida fôsse terminar
Naquele louco embate. Ali cantei
À lua branca, cheio de bebida
Ali menti, ali me ciliciei
Para gôzo da aurora pervertida.

Sôbre o banco de pedra que ali tens
Nasceu uma canção. Ali fui mártir
Fui réprobo, fui bárbaro, fui santo
Aqui encontrarás minhas pegadas
E pedaços de mim por cada canto
Numa gôta de sangue numa pedra
Ali estou eu. Num grito de socorro
Entreouvido na noite, ali estou eu.
No eco longínquo e áspero do morro
Ali estou eu. Vês tu essa estrutura
De apartamentos como uma colmeia
Gigantesca? em muitos penetrei
Tendo a guiar-me apenas o perfume
De um sexo de mulher a palpitar
Como uma flor carnívora na treva.
Copacabana! ah, cidadela forte
Desta minha paixão! a velha lua
Ficava do seu nicho me assistindo
Beber, e eu muita vez a vi luzindo
No meu copo de uísque, branca e pura
A distilar tristeza e poesia.
Copacabana! réstia de edifícios
Cujos nomes dão nome ao sentimento!
Foi no Leme que vi nascer o vento
Certa manhã, na praia. Uma mulher
Tôda de negro no horizonte extremo
Entre muitos fantasmas me esperava:
A môça dos antúrios, deslebrada
A senhora dos cérios, cuja alcova
O pisar do farol iluminava
Como a marcar o pulso da paixão
Morrendo intermitentemente. E ainda
Existe em algum lugar um gesto alto,
Um brilhar de punhal, um riso acústico
Que não morreu. Ou certa porta aberta

Para a infidelidade: inesquecível
Frincha de luz a separar-me apenas
Do irremediável. Ou o abismo aberto
Embaixo, elástico, e o meu ser disperso
No espaço em tórno, e o vento me chamando,
Me convidando a voar... (Ah, muitas mortes
Morri entre essas máquinas erguidas
Contra o Tempo!) Ou também o desespero
De andar como um metrônomo para cá
E para lá, marcando o passo do impossível
À espera do segrêdo, do milagre
Da poesia.

Tu, Copacabana,

Mais que nenhuma outra fôste a arena
Onde o poeta lutou contra o invisível
E onde encontrou enfim sua poesia
Talvez pequena, mas suficiente
Para justificar uma existência
Que sem ela seria incompreensível.

A QUE VEM DE LONGE

A minha amada veio de leve
A minha amada veio de longe
A minha amada veio em silêncio
Ninguém se iluda.

A minha amada veio da treva
Surgiu da noite qual dura estrêla
Sempre que penso no seu martírio
Morro de espanto.

A minha amada veio impassível
Os pés luzindo de luz macia
Os alvos braços em cruz abertos
Alta e solene.

Ao ver-me pôsto triste e vazio
Num passo rápido a mim chegou-se
E com singelo doce ademan
Roçou-me os lábios.

Deixei-me prêso ao seu rosto grave
Prêso ao seu riso no entanto ausente
Inconsciente de que chorava
Sem dar-me conta.

Depois senti-lhe o tímido tato
Dos lentos dedos tocar-me o peito
E as unhas longas se me cravarem
Profundamente.

Aprisionado num só meneio
Ela cobriu-me de seus cabelos
E os duros lábios no meu pescoço
Pôs-se a sugar-me.

Muitas auroras transpareceram
Do meu crescente ficar exangue
Enquanto a amada suga-me o sangue
Que é a luz da vida.

RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute*
[*couture*
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como
[na República Popular Chinesa).
Não há meio têrmo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada
[e que um rosto
Adquira de vez em quando essa côr só encontrável no
[terceiro minuto da aurora.
É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita
[e desabroche
No olhar dos homens. É preciso, é absolutamente
[preciso
Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas
[pálpebras cerradas
Lembrem um verso de Éluard e que se acaricie nuns
[braços
Alguma coisa além da carne: que se os toque
Como ao âmbar de uma tarde. Ah deixai-me dizer-vos

Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave;
[e que exale sempre
O impossível perfume; e distile sempre
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna
[dançarina
Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa bela e mais perfeita de tãda a criação
[inumerável.

BALADA NEGRA

Eramos meu pai e eu
E um negro, negro cavalo.
Ele montado na sela,
Eu na garupa enganchado.
Quando? eu nem sabia ler.
Por que? saber não me foi dado.
Só sei que era o alto da serra
Nas cercanias de Barra.
Ao negro corpo paterno
Eu vinha muito abraçado
Enquanto o cavalo lerdo
Negramente caminhava.
Meus olhos escancarados
De mêdo e negra friagem
Eram buracos na treva
Totalmente impenetrável.
Às vêzes sem dizer nada
O grupo equestre estacava
E havia um negro silêncio
Seguido de outros mais vastos.
O animal apavorado
Fremia as ancas molhadas
Do negro orvalho pendente
De negras, negras ramadas.

Eu ausente de mim mesmo
Pelo negrume em que estava
Recitava padre-nossos
Exorcizando os fantasmas.
As mãos da brisa silvestre
Vinham de luto enluvadas
Acarinhar-me os cabelos
Que se me punham eriçados.
As estrêlas nessa noite
Dormiam num negro claustro
E a lua morta jazia
Envolta em negra mortalha.
Os pássaros da desgraça
Negros no escuro piavam
E a floresta crepitava
De um negror irremediável.
As vozes que me falavam
Eram vozes sepulcrais
E o corpo a que eu me abraçava
Era o de um morto a cavalo.
O cavalo era um fantasma
Condenado a caminhar
No negro bôjo da noite
Sem destino e a nunca mais.
Era eu o negro infante
Condenado ao eterno báratro
Para expiar por todo o sempre
Os meus pecados da carne.
Uma coorte de padres
Para a treva me apontava
Murmurando vade-retros,
Soletrando breviários.
Ah que pavor negregado,
Ah que angústia desvairada

Naquele túnel sem têrmo
Cavalgando sem cavalo!

Foi quando meu pai me disse:
— Vem nascendo a madrugada...
E eu embora não a visse
Pressenti-a nas palavras
De meu pai ressuscitado
Pela luz da realidade.
E assim foi. Logo na mata
O seu rosa imponderável
Aos poucos se insinuava
Revelando coisas mágicas.
A sombra se desfazendo
Em entretons de cinza e opala
Abria um claro na treva
Para o mundo vegetal.
O cavalo pôs-se esperto
Como um cavalo de fato
Trotando de rédea curta
Pela úmida picada.
Ah que doçura dolente
Naquela aurora raiada:
Meu pai montado na frente,
Eu na garupa enganchado!
Apertei-o fortemente
Cheio de amor e cansaço
Enquanto o bosque se abria
Sôbre o luminoso vale...
E assim fui-me ao sono, certo
De que meu pai estava perto
E a manhã se anunciava.

Hoje que conheço a aurora
E sei onde caminhar,
Hoje sem medo da treva,
Sem medo de não me achar,
Hoje que morto meu pai
Não tenho em quem me apoiar,
Ah quantas vêzes com êle
Vou no túmulo deitar
E ficamos cara a cara
Na mais doce intimidade
Certos que a morte não leva:
Certos de que tôda treva
Tem a sua madrugada.

SONETO DO AMOR TOTAL

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim, muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

BALADA DAS DUAS MOCINHAS DE BOTAFOGO

Eram duas menininhas
Filhas de boa família:
Uma chamada Marina,
A outra chamada Marília.
Os dezoito da primeira
Eram brejeiros e finos,
Os vinte da irmã cabiam
Numa mulher pequenina.
Sem terem nada de feias
Não chegavam a ser bonitas,
Mas eram meninas-môças
De pele fresca e macia.
O nome ilustre que tinham
De um pai desaparecido
Nelas deixara a evidência
De tempos mais bem vividos.
A mãe pertencia à classe
Das largadas de marido;
Seus oito lustros de vida
Davam a impressão de mais cinco.
Sofria muito de asma
E da desgraça das filhas
Que, pôsto boas meninas,
Eram tão desprotegidas

E por total abandono
Davam mais do que galinhas.

Casa de porta e janela
Era a sua moradia,
E dentro da casa aquela
Mãe pobre e melancolia.
Quando à noite as menininhas
Se aprontavam pra sair
A lôba materna uivava
Suas torpes profecias.
De fato deve ser triste
Ter duas filhas assim
Que nada tendo a ofertar
Em troca de uma saída
Dão tudo o que têm aos homens:
A mão, o sexo, o ouvido
E até mesmo, quando instadas,
Outras flôres do organismo.

Foi assim que se espalhou
A fama das menininhas
Através do que êsse disse
E do que aquêle diria.
Quando a um grupo de rapazes
A noite não era madrinha
E a caça de mulher grátis
Resultava-lhes maninha,
Um dêles qualquer lembrava
De Marília e de Marina
E um telefone soava
De um constante toque cínico
No útero de uma mãe
E suas duas filhinhas.

Oh vida tôrva e mesquinha
A de Marília e Marina,
Vida de porta e janela
Sem amor e sem comida,
Vida de arroz requentado
E média com pão dormido
Vida de sola furada
E cotovelo poído
Com seios moços no corpo
E na mente sonhos idos!

Marília perdera o seu
Nos dedos de um caixeirinh
Que o que dava em coca-co
Cobrava em rude carinho.
Com quatorze apenas feitos
Marina não era mais virge
Abrira os prados do ventri
A um treinador pervertido.
Embora as lutas do sexo
Não deixem marcas visívei
Tirante as flôres lilases
Do sadismo e da sevícia,
Às vêzes deixam no amplex
Uma grande náusea íntima
E transformam o que é de
Num desgôsto incoercível.

E era êsse bem o caso
De Marina e de Marília
Quando sòzinhas em casa
Não tinham com quem sair.
Ficavam olhando paradas
As paredes carecomidas,

Mascando bolas de chicles,
Bebendo água de moringa.
Que abismos de desconsôlo
Ante seus olhos se abriam
Ao ouvirem a asma materna
Silvar no quarto vizinho!
Os monstros da solidão
Uivavam no seu vazio
E elas então se abraçavam
Se beijavam e se mordiam
Imitando coisas vistas,
Coisas vistas e vividas
Enchendo as frondes da noite
De pilulares tardios.

Ah se o sêmen de um minuto
Fecundasse as menininhas
E nelas crescessem ventres
Mais do que a tristeza íntima!
Talvez de novo o mistério
Morasse em seus olhos findos
E nos seus lábios inconhos
Enflorescessem sorrisos;
Talvez a face dos homens
Se fizesse, de maligna,
Na doce máscara pensa
Do seu sonho de meninas!

Mas tal não fôsse o destino
De Marília e de Marina.
Um dia, que a noite trouxe
Coberto de cinzas frias
Como sempre acontecia
Quando achavam-se sôzinhas,

No velho sofá da sala
Brincaram-se as menininhas.
Depois se olharam nos olhos,
Nos seus pobres olhos findos.
Marina apagou a luz,
Deram-se as mãos, foram indo
Pela rua transversal
Cheia de negros baldios.
Às vêzes pela calçada
Brincavam de amarelinha
Como faziam no tempo
Da casa dos tempos idos.
Diante do cemitério
Já nada mais se diziam.
Vinha um bonde a nove-pontos,
Marina puxou Marília
E diante do semovente
Crescendo em luzes aflitas
Num desesperado abraço
Postaram-se as menininhas.

Foi só um grito e o ruído
Da freiada sôbre os trilhos
E por tôda parte o sangue
De Marília e de Marina.

MÁSCARA MORTUÁRIA DE
GRACILIANO RAMOS

Feito só, sua máscara paterna,
Sua máscara tôska de acridoce
Feição, sua máscara austerizou-se
Numa preclara decisão eterna.

Feito só, feito pó, desencantou-se
Nêle o íntimo arcanjo, a chama interna
Da paixão em que sempre se queimou
Seu duro corpo que ora longe inverna.

Feito pó, feito pólen, feito fibra,
Feito pedra, feito o que é morto e vibra,
Sua máscara enxuta de homem forte

Isto revela em seu silêncio à escuta:
Numa severa afirmação da luta,
Uma impassível negação da morte.

O MERGULHADOR

E il naufragar m'è dolce in questo mare

LEOPARDI

Como, dentro do mar, libérrimos, os polvos
No líquido luar tateiam a coisa a vir
Assim, dentro do ar, meus lentos dedos loucos
Passeiam no teu corpo a te buscar-te a ti.

És a princípio doce plasma submarino
Flutuando no sabor de súbitas correntes
Frias e quentes, substância estranha e íntima
De teor irreal e tato transparente.

Depois teu seio é a infância, duna mansa
Cheia de alíseos, marco espectral do istmo
Onde, a nudez vestida só de lua branca,
Eu ia mergulhar minha face já triste.

Nêle soterro a mão como a cravei criança
Noutro seio de que me lembro, também pleno...
Mas não sei... o ímpeto dêste é doído e espanta.
O outro me dava vida, êste me mete medo.

Toco uma a uma as doces glândulas em feixes
Com a sensação que tinha ao mergulhar os dedos
Na massa cintilante e convulsa de peixes
Retiradas ao mar nas grandes rêdes pensas.

E' ponho-me a cismar... — mulher, como te expandes!
Que imensa és tu! maior que o mar, maior que a
[infância!
De coordenadas tais e horizontes tão grandes
Que assim imersa em amor és uma Atlântida!

Vem-me a vontade de matar em ti tôda a poesia
Tenho-te em garra; olhas-me apenas; e ouço
No tato acelerar-se-me o sangue, na arritmia
Que faz meu corpo vil querer teu corpo môço.

E te amo, e te amo, e te amo, e te amo
Como o bicho feroz ama, a morder, a fêmea;
Como o mar ao penhasco onde se atira insano
E onde a bramir se aplaca e a que retorna sempre.

Tenho-te e dou-me a ti válido e indissolúvel
Buscando a cada vez, entre tudo o que enerva
O imo do teu ser, o vórtice absoluto
Onde posa colhêr a grande flor da treva.

Amo-te os longos pés, ainda infantis e lentos
Na tua criação; amo-te as hastes tenras
Que sobem em suaves espirais adolescentes
E infinitas de toque exato e frêmito.

Amo-te os braços juvenis que abraçam
Confiantes meu criminoso desvario,

E as desveladas mãos, as mãos multiplicantes
Que em cardume acompanham o meu nadar sombrio.

Amo-te o colo pleno, onda de pluma e âmbar,
Onda lenta e sòzinha onde se exaure o mar
E onde é bom mergulhar até romper-me o sangue
E me afogar de amor e chorar e chorar.

Amo-te os grandes olhos sôbre-humanos
Nos quais, mergulhador, sondo a escura voragem
Na ânsia de descobrir, nos mais fundos arcanos
Sob o oceano, oceanos; e além, a minha imagem.

Por isso — isso e ainda mais que a poesia não ousa —
Quando depois de muito mar, de muito amor
Emergindo de ti, ah que silêncio pousa...
Ah que tristeza cai sôbre o mergulhador!

PÔR-DO-SOL EM ITATIAIA

Nascentes efêmeras
Em clareiras súbitas
Entre as luzes tardas
Do imenso crepúsculo.

Negros megalitos
Em doce decúbito
Sob o pêso frágil
Da pálida abóbada.

Calmo subjacente
O vale infinito
A estender-se múltiplo

Inventando espaços
Dilatando a angústia
Criando o silêncio.

POEMA DE AUTEIL

A coisa não é bem essa.

Não há nenhuma razão no mundo (ou talvez só tu,
Tristeza!)

Para eu estar andando nesse meio-dia por essa rua
estrangeira com o nome de um pintor estrangeiro.

Eu devia estar andando numa rua chamada Travessa
Di Cavalcanti

No Alto da Tijuca, ou melhor na Gávea, ou melhor
ainda no lado de dentro de Ipanema:

E não vai nisso nenhum verde-amarelismo. De verde
quereria apenas um colo de morro e de amarelo
um pé de acácias repontando de um quintal entre
telhados

Com insolação. Deveria vir de algum lugar

Um dedilhar de menina estudando piano ou o assovio
de um ciclista

Trauteando um samba de Antônio Maria. Deveria
haver

Um silêncio pungente cortado apenas

Por um canto de cigarra bruscamente interrompido

E o ruído de um ônibus varando como um desvairado
uma preferencial vizinha.

Deveria súbito

Fazer-se ouvir num apartamento térreo próximo
Uma fresca descarga de latrina abrindo um frio vórtice
na espessura irremediável do mormaço
Enquanto ao longe
O vulto de uma banhista (que tristeza sem fim voltar
da praia!)
Atravessaria lentamente a rua arrastando um guarda-
sol vermelho.
Ah que vontade de chorar me subiria!
Que vontade de morrer, de me diluir em lágrimas
Entre uns seios suados de mulher! Que vontade
De ser menino, em vão, me subiria!
Numa praia luminosa e sem fim, a buscar o não-sei-quê
Da infância, que faz correr correr correr...
Deveria haver também um rato morto na sargeta, um
odor de bogaris
E um cheiro de peixe fritando. Deveria
Haver muito calor, que uma subreptícia
Brisa viria suavizar fazendo festa na axila.
Deveria haver em mim um vago desejo de mulher e ao
mesmo tempo
De espaciar-me. Relógios deveriam bater
Alternadamente como bons relógios, nunca certos.
Eu poderia estar voltando de, ou indo para: não teria
a menor importância.
O importante seria saber que eu estava presente
A um momento sem história, defendido embora
Por muros, casas e ruas (e sons, especialmente
Êsses que fizeram dizer a um locutor novato, numa
homenagem póstuma: "Acabaram de ouvir um
minuto de silêncio").
Capazes de testemunhar por mim em minha imensa
E inútil poesia.

Eu deveria estar sem saber bem para onde ir: se para
a casa materna

E seus encantos recantos, ou se para o apartamento do
meu velho Braga

De onde me poria a telefonar, à Amiga e às amigas,
A convocá-las para virem beber conosco, virem tôdas
Beber e conversar conosco e passear diante de nossos
olhos gastos

A graça e nostalgia com que povoam a nossa infinita
solidão.

GENEBRA EM DEZEMBRO

Campos de neve em píncaros distantes
Sinos que morrem

Asas brancas em frios céus distantes
Águas que correm

Canais como caminhos prisioneiros
Em busca de saída

Para os mares, os grandes traiçoeiros
Mares da vida

Cisnes em bando interrogando as águas
Do Ródano, cativas

Ruas sem perspectivas e sem mágoas
Fachadas pensativas

Chuva fina tangendo namorados
Sem amanhã

Transitando transidos e apressados
Pont du Mont Blanc

Relógios pontuais batendo horas
Aqui, ali, adiante

Vida sem tempo pela vida afora
Tédio constante

Tédio bom, tédio conselheiro, tédio
Da vida que não é
E para o qual há sempre bom remédio
No bar do “Rabelais”.

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

“E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo: — Dar-te-ei todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: — Vai-te, Satanaz; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás”.

LUCAS, Cap. V., versículos 5, 6, 7 e 8.

Era êle que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Êle subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo,
Que a casa de um homem é um templo,
Um templo sem religião,
Como tão pouco sabia
Que a casa que êle fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos êle empilhava
Com pá, cimento e esquadria;
Quanto ao pão, êle o comia.
Mas fôsse comer tijolo...
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui,
Adiante um apartamento,
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria,
Não fôsse eventualmente
Um operário em construção.

Mas êle desconhecia
Êsse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
— Garrafa, prato, facão —
Era êle quem os fazia
Êle, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em tórno: gamela
Banco, enxêrga, caldeirão
Vidro, parede, janela

Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era êle quem o fazia,
Êle, um humilde operário,
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento,
Não sabereis nunca o quanto
Aquêle humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que êle mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão,
Sua rude mão de operário,
De operário em construção,
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fôsse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Dêsse instante solitário
Que, tal sua construção,
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo,
Em largo e no coração,
E como tudo o que cresce
Êle não cresceu em vão.
Pois além do que sabia
— Exercer a profissão —

O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção,
Que sempre dizia sim,
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmita
Era o prato do patrão,
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão,
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão,
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão,
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão,
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão,
Que sua imensa fadiga
Era a amiga do patrão.

E o operário disse: não!
E o operário fêz-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bôcas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação.
— *Convençam-no* do contrário,
Disse êle sôbre o operário,
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado,
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidos,
Teve seu braço quebrado,
Mas quando foi perguntado
O operário disse: não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão;
Muitas outras se seguiram,
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção,
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário,

Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário;
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe tôda a região
E apontando-a ao operário
Fêz-lhe esta declaração:
— Dar-te-ei todo êsse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser,
Dou-te tempo de lazer,
Dou-te tempo de mulher...
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia;
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos,
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: não!
— Loucura! gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?

— Mentira! disse o operário,
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fêz-se
Dentro do seu coração.
Um silêncio de martírios,
Um silêncio de prisão,
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão,
Um silêncio apavorado
Como o mêdo em solidão,
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição,

Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos,
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido,
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

ÍNDICE

A hora íntima	5
Menino morto pelas ladeiras de Ouro-Prêto	7
Poema dos olhos da amada	9
O poeta Hart Crane suicida-se no mar	11
A brusca poesia da mulher amada (II)	14
Copacabana	16
A que vem de longe	19
Receita de mulher	21
Balada negra	25
Sonêto do amor total	29
Balada das duas mocinhas de Botafogo	30
Máscara mortuária de Graciliano Ramos	35
O mergulhador	36
Pôr-do-sol em Itatiaia	39
Poema de Auteil	40
Genebra em Dezembro	43
O operário em construção	45

★

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" S. A., A RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,
PARA A
LIVRARIA SÃO JOSÉ
RIO DE JANEIRO
EM 1959.

★

ALGUNS LIVROS DE POESIA

- BABILÔNIA** — de Augusto Frederico Schmidt. Belo volume de elegante formato e impressão de luxo, com 105 páginas Cr\$ 150,00
- POESIAS** — de Raymundo Corrêa, seleção feita pelo próprio autor. Belo volume de 220 páginas Cr\$ 100,00
- POESIAS COMPLETAS** — de Ademar Tavares. Vol. de 220 págs. Cr\$ 150,00
- COBRA NORATO** — de Raul Bopp, edição cuidada, volume de 120 páginas Cr\$ 100,00
- POESIAS COMPLETAS** — de Augusto Meyer, vol. de 300 págs. Cr\$ 150,00
- MULHER NUA** — de Gilka Machado, 3ª edição 1929, volume de 120 páginas Cr\$ 100,00
- POEMAS DA ANGÚSTIA ALHEIA** — por Gondim da Fonseca, traduções em verso de Oscar Wilde, Edgard Poe, Arvers, Rimbaud, Dante e São Francisco de Assis, confrontadas com os textos originais. Elegante volume de 210 páginas Cr\$ 100,00
- POESIAS COMPLETAS** — de B. Lopes, em 4 volumes, com perto de 600 páginas Cr\$ 200,00
- MAFIA DO MALUNGO** — de Manuel Bandeira, vol. de 120 págs. Cr\$ 50,00
- 50 POEMAS** — de Ana Amélia — Volume de 100 páginas Cr\$ 80,00



LIVRARIA SÃO JOSÉ

RIO DE JANEIRO

ALGUNS LIVROS DE POESIA

PEDRA NO LAGO — de Stella Leonardos	50,00
DONA GRAÇA — de Mamede de Oliveira	80 00
AO SABOR DOS VENTOS — de Judith Nunes Pires	50,00
POEMAS — de Lincoln de Souza	50,00
POEMAS DE LUZ E SOMBRAS — de Dulce de Mello	
Monte Mór	50,00
O TEMPO E A VIDA — de Flávio Rubens	50,00
TEMPOS E COISAS — de Carlos Fernando Fortes	
de Almcida	50,00
PÁSSARO DE FOGO — de Vitto Santos	50 00
MOTIVO — de Diva Lemos	50,00
A PROCURA DO AUTÊNTICO — de Guilherme	
Campos	150 00
SANTA TEREZA DE JESUS — de Lacyr Schettino	70,00
OS INSTANTES E OS GESTOS — de Álvaro Pacheco	100 00
POEMAS — de Cláudio Murilo	60 00
VOZES DO CORAÇÃO — de José Pais de Andrade	50,00
POEMAS DE SEMPRE — de Beatriz Bandeira	50,00
SINOS DA TARDE — de Murilo Fontes	100,00
MENINA — S — TRINTA — de Ezio Pires	50,00
FARRAPOS D'ALMA — de Carlos Torres Pastorino	100 00
50 POEMAS — de Lago Burnet	100 00
AUSENCIA VIVA — de Octávio Móra	60,00
LINHAGEM DE ROCINANTE — de Judith Gros-	
smann	150,00
POEMAS — de Ferreira Gullar	100 00
ANTOLOGIA DOS POETAS LAUREADOS NO CON-	
CURSO DE POESIAS DE «LEITURA»	100 00



LIVRARIA SÃO JOSÉ

RIO DE JANEIRO